

Render-se ou respirar e resistir

Surrendering or to breathe and resist

Danielle do Nascimento Rezera & Agenor Bevilacqua Sobrinho

Resumo: As sociabilidades e as utopias concretas precisam ser fomentadas pela compreensão das subjetividades articuladas com a consciência e a práxis. Diante do caos e distopias provocados pelas crises, temos duas opções: nos render, capitulando, ou respirar e resistir baseados na concepção crítica de novas possibilidades de convivência no mundo. Seleccionamos, para a compreensão dessas possibilidades, pensadores que nos orientam a um percurso utópico ético e concreto e nos direcionam à efetiva luta.

Palavras-chave: Utopia, Distopia, Luta social, Novas sociabilidades, Crise da vida humana, Pandemia da Covid-19.

Abstract: Concrete sociabilities and utopias need to be fostered by understanding the subjectivities articulated with consciousness and praxis. In the face of the chaos and dystopias caused by crises, we have two options: surrendering, capitulating, or breathing and resisting based on the critical conception of new possibilities of living together in the world. To understand these possibilities, we select thinkers who guide us on a utopian ethical and concrete path and direct us to an effective struggle.

Keywords: Utopia, Distopia, Social struggle, New sociabilities, Crisis of human life, Covid-19 pandemic.

Sobre verdade e consciência

Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no interior das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em suas travas. E assim se abre uma época de revolução social (MARX 2008: 47).

No excerto acima, extraído do texto *Contribuição à crítica da economia política*, Marx afirma que o modo de produção material condiciona a vida social e o homem tem,

a partir de seu ser social, a determinação de sua consciência. Na concepção de ideologia em Marx, as falsas consciências se delineiam no processo de conformação social, a partir de uma estrutura de subordinação e distanciamento da consciência da *práxis*. Com a consciência de sua vida social, das estruturas (materiais) e superestruturas (ideológicas) que erigem o desenvolvimento da sociedade é que nos deparamos com as contradições e, a partir delas, podemos compreender e mudar a realidade.

A afirmação do excerto é corroborada no período de intensificação de crises e contrassensos sociais em nosso tempo presente, e o sentido de percepção destes elementos está inteiramente associado ao quanto somos reificados socialmente (*Verdinglichung*). Como coisificação e alienação se generalizaram nas sociedades capitalistas, o processo de crise agrava-se.

Nas intensas transformações no sistema social e produtivo vemos elementos dessa reificação, como forma de intensificação do consumismo, coisificação das relações sociais, novas formas de socialização associadas às inovações tecnológicas e comunicacionais, somados às novas configurações de vigilância. Eagleton (1997: 100-104), tomando os estudos sobre ideologia e reificação de Goldman¹ e Lukács², compreende que ambos os conceitos não necessariamente caminham juntos, mas que, com o avanço do sistema capitalista, novas formas de desumanização e bloqueio dos níveis de consciência se manifestam. Todos esses fatores ampliam as dificuldades de compreender as contradições da realidade e de como somos afetados diretamente por elas, requerendo mobilizar estratégias para podermos reagir e não imergir em um mar de ilusões.

Para exemplificar a complexa rede de alienação a que os homens estão sujeitos e a que se sujeitam, tomamos a *parábola* do século XIX traduzida na obra *A Verdade saindo do poço* (1896), de autoria de Jean-Léon Gérôme [1824-1904]³. A obra conta que a Verdade, acreditando na Mentira, é enganada e tem suas vestes trocadas. Incapaz de usar os trajes

¹ Ver: GOLDMAN, 1975.

² LUKÁCS, 2003. Sob a máxima da mercadoria, o autor versa sobre os problemas da consciência na realidade efetiva e a busca por uma teoria que seja capaz de superar as aparências dos fenômenos sociais e tenha como objeto a apreensão da essência desses fenômenos. Ademais, o autor analisa condicionantes e práticas objetivas e subjetivas de reificação.

³ GÉRÔME, 1896. A parábola, de cunho popular no século XIX, expressa-se comumente como base da obra de Gérôme. No entanto, historiadores da arte entendem que é a partir de Demócrito e sua frase: «na verdade, nada sabemos, por que a verdade jaz no fundo do poço», que teria sido a real inspiração do pintor (HOACKEY 2018). Marx, em sua tese doutoral *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro* (1841), se debruça sobre as contribuições da ciência da natureza para pensar as condições da liberdade humana, aborda os aportes de Demócrito no sentido de compreensão da subjetividade e da objetividade, entre outras.

da Mentira, a Verdade assume a nudez para manter sua autenticidade. Essa parábola ilustra de modo tão transparente e profundo o período de pandemia global que vivenciamos em 2020-2021, como também revela que estamos frontalmente diante da verdade exposta em nosso cotidiano, nossas vidas, nossa realidade. Quanto mais púdicos formos, menos olhamos para ela, muitos fogem, desviam o olhar, fingem que não a veem. Encarar certas verdades exige coragem de assumir as contradições, os contrastes e talvez assumir a fraqueza e despreparo para lidar com elas.

Sem a compreensão da realidade e suas estruturas é impossível articular perspectivas de mudanças significativas, como assevera Bauman:

A crença de que somos capazes de mudar o mundo está articulada com a racionalidade capaz de perceber o que está errado com o mundo, saber o que precisa ser modificado, quais são os pontos problemáticos, e ter força e coragem para extirpá-los. Em suma, potencializar a força do mundo para o atendimento das necessidades humanas existentes ou que possam vir a existir (BAUMAN 2017: online).

Ao examinar questões sobre a realidade e a verdade, devemos de antemão fazer alguns esclarecimentos. As concepções de verdade são construídas historicamente e expressam tanto as mudanças nas sociedades como as no interior da Filosofia (CHAUÍ 2003: 88-103). Podemos distinguir cinco conceitos fundamentais de verdade no decorrer da História: 1º como correspondência; 2º como revelação ou manifestação; 3º como conformidade a uma regra; 4º como coerência; 5º como utilidade.

Para Ludwig Wittgenstein, «a filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios de nossa linguagem» (WITTGENSTEIN 1979: 54, § 109), daí a necessidade de descobrir e compreender como a linguagem funciona em seus usos, ou seja, precisamos nos interrogar sobre suas funções práticas e descrever (não explicar) nossas observações a respeito de questões filosóficas para elucidar os pressupostos familiares das próprias investigações. Com isso, se dar conta de que os dados dos problemas estão acessíveis à inteligência (WITTGENSTEIN 1979: 58, § 133).

De acordo com Alfred J. Ayer, o aspecto importante do problema «não é tanto o de definir a verdade quanto o de dar uma explicação geral das condições sob as quais estamos justificados em atribuí-la» (AYER 1975: 250).

Não é incomum a coexistência de dois conceitos de verdade na obra de um mesmo autor (ABBAGNANO 1998: 994-998). Nossa concepção de verdade é uma síntese da *alétheia* (do grego: o não-esquecido, o não-dissimulado, a realidade, as coisas e fatos

como são), da *veritas* (do latim: linguagem enuncia com exatidão e rigor os fatos reais) e da *utopia* (do latim: não-lugar, interferência/transformação na realidade diagnosticada para enfrentar as limitações/imperfeições que tolhem/impedem a liberdade humana), conforme exporemos no desenvolvimento deste artigo.

Verdades desnudas mostram sua essência e estruturas da realidade. Mentiras se travestem de verdades absolutas e apresentam respostas fáceis, carregadas de legitimidade que apenas a verdade pode oferecer. Bem diante de nossos olhos, como se fossemos incapazes de discernir entre verdade e mentira. É certo que os instrumentos da Mentira são da ordem do falseamento e, se falso, parece «puramente verdadeiro» aos que nada conhecem ou pensam sobre a Verdade, que apresenta a realidade desnuda. No âmbito das disputas políticas, Gramsci se utiliza do termo hegemonia, designando as relações de consentimento entre subalternos e dominantes, e entende, conforme indica Salvatori (1977), que há perene reivindicação de Gramsci sobre o valor político da verdade como forma de luta e revolução.

Sob a perspectiva de conflito, ao tratar do fascismo no regime italiano, Gramsci debruça-se sobre a crise do consenso e do lugar da pura força coercitiva, indicando um desajuste de domínio. Para Gramsci (1977, Q. 2: 312), «a crise consiste justamente no fato que o velho morre e o novo não pode nascer: fenômenos variados ocorrem neste interregno mórbido». Acrescenta que formas de restauração de antiga ordem são fomentadas, assim como ampliação das ideologias dominantes na disputa por uma nova cultura.

Hoje poderíamos nomear a Mentira de Distopia⁴, e ela é vestida «como segurança, bem-estar (consumo), individualização, acesso a informação e direitos», e suas vestes também mostram a ideia de progresso através de uma melhoria partilhada e uma corrida para adiante, quando na realidade o indivíduo se esforça pela sua sobrevivência iludido na corrida de tal progresso (BAUMAN 2017: online). Por sua vez, a Verdade nua exhibe doenças, *fake news*, capitalismo de vigilância, apatia social, controle absoluto, miséria, fome, desmatamento, genocídios, *lawfare*⁵, as fobias sociais e as guerras, e mostra-nos dessa forma uma profunda crise existencial e ambiental, a Verdade expõe afinal «a crise da vida humana» (CHOMSKY [a] 2020: online).

⁴ Para a compreensão dos conceitos sobre distopia, ver: JACOBY, 2007; LÖWY, 2005.

⁵ «O uso indevido dos recursos jurídicos para fins de perseguição política». Ver: ZANIN, MARTINS, VALIM, 2019.

Crise da vida humana: o Brasil sufocado

Quando a distopia está instalada e procurando aprofundar seus desvarios, no Brasil e alhures (Hungria, Polônia, EUA etc.), pergunta-se como a Filosofia e as Ciências Sociais podem auxiliar-nos a enfrentar a necropolítica (MBEMBE 2016) e suas consequências devastadoras.

A respeito da Covid-19, irrompida no Brasil em março de 2020, o número de infectados pela doença no país em 2021 ultrapassa 10 milhões de pessoas e os mortos chegam a 250 mil; no mundo, mais de 2,4 milhões de mortos e mais de 111,8 milhões de casos (WORLDMETERS 2021). Desnecessariamente milhões ficaram doentes e dezenas de milhares morreram pela entronização da ignorância, do ódio e da violência na Presidência da República, cujo governo neofascista não se importou em criar e/ou apoiar medidas de profilaxia, como o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização das mãos, preconizadas por cientistas e pela OMS - Organização Mundial de Saúde. Ao contrário, diariamente sabota essas recomendações como, também, faz proselitismo contra vacinas, conforme Relatório da Human Rights Watch (2021), além de não ver problema em descartar os mais pobres e miseráveis, os mais vulneráveis à doença.

Nesses contextos, as mínimas iniciativas endereçadas a atenuar as desigualdades socioeconômicas encontram reações exacerbadas das oligarquias ciosas de manter intactas estruturas que perpetuam secularmente assimetrias diversas. Para garantir o jogo de cartas marcadas, essas elites facilmente ignoram as constituições, rompem as regras do jogo e impõem seus interesses à fórceps, minando e revogando leis trabalhistas, sociais e previdenciárias, como nos golpes de Estado de 1964 [golpe militar tradicional] e 2016 [golpe jurídico-parlamentar-midiático-militar] (BEVILACQUA SOBRINHO 2016; MIGUEL 2018).

Compreendemos que eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, no Brasil, faz parte de um reordenamento do sistema neoliberal-imperialista e suas fórmulas argumentativas pautadas pelo estímulo à violência, pela indústria de *fake news* e redes de influência ligadas a *lobbies* e *lawfare* de grupos alinhados à *Alt-Right* estadunidense. Acrescenta-se a esta conjuntura as contradições da sociedade brasileira e seu histórico sistema de exclusão e desigualdades que ainda permanecem em seu seio social. Os grupos

de direita e ultradireita organizados em oligopólios e bancadas de atuação mercadológica e ideológica fundamentalista, levados no bojo da eleição de Bolsonaro, compõem sua base de apoio e manutenção no sistema político, assim como dão substância aos projetos inconstitucionais e antidemocráticos de sua gestão. Para Pahnke e Milan (2020: online), essa questão é bem complexa, principalmente pelo prisma do Estado de Direito, pois as ações dos grupos referidos para impulsionar as agendas de direita e sua ascensão populista autoritária, por meio de instituições jurídicas, possuem o potencial de limitar ou cercar direitos democráticos. Nesse sentido, utiliza o sistema de *lawfare* para operar as engrenagens de controle do sistema de acumulação capitalista, uma vez que a própria composição do judiciário é, para os autores, elemento facilitador deste processo, visto sua formação elitista e conservadora.

A pandemia de Covid-19 tornou ainda mais visível as disparidades e os múltiplos controles sobre as massas. O racismo estrutural⁶ e a eliminação dos divergentes foram ainda mais reforçados na gestão de Jair Bolsonaro, com clara opção por uma política de crise, um estado permanente de intolerância e alta adesão à exploração total dos meios produtivos e da força de trabalho, reestruturação do mercado de trabalho, com vexatórias reformas trabalhistas e desregulamentações no campo dos serviços públicos e em relação ao patrimônio ambiental. Tudo isso, somado à crise pandêmica, resulta em um Brasil sufocado.

A título de exemplo, neste setor o governo regozija-se das crises econômicas e sociais e, só em 2019, reorganizou uma série de emendas constitucionais buscando regularizar a comercialização de créditos de carbono, monetizando florestas e contribuindo para sua devastação, como também para a violência contra populações originárias e tradicionais, além de um sistema sórdido que permite créditos com replantio em áreas devastadas com árvores de cunho comercial; houve a permissão para que regiões de preservação ambiental, como a Amazônia, o Pantanal e a Bacia do Alto Paraguai sejam utilizadas para plantio de cana de açúcar (PACKER; TURRA 2019: online).

É uma lógica de destruição sistemática: desde as indústrias altamente poluentes, cujos poderosos *lobbies* as mantêm imunes às sanções regulatórias; passando por líderes religiosos inescrupulosos que se servem da religião apenas para extorquir e entesourar recursos de fiéis incautos; corporações encasteladas em aparatos de poder e indiferentes

⁶ Contribuições para a complexa relação de raça e desigualdade no Brasil, ver: FERNANDES, 1965; SCHWARCZ, 1993.

aos cidadãos que as financiam; belicistas e suas guerras inadiáveis; agrotóxicos cada vez mais letais e suas pestilências contando com desregulações criminosas ao setor; maior concentração de riqueza e poder do que em períodos anteriores; produção incessante de mercadorias desnecessárias e falsas necessidades em escala nunca vista; incompatibilidade do capitalismo neoliberal com a democracia liberal, em que pesem os estreitos alcances desta; etc.

Os desdobramentos dessas ações são vistos e sentidos economicamente e na saúde da população, notadamente os grupos mais afetados são aqueles que historicamente se recusam ao perverso lugar ideal que lhes é imposto, o do não direito, espaços da não vida pública e da não representação (FONTES 2014). Ademais, os aparatos tecnológicos utilizados pelo capitalismo de vigilância como meios científicos de controle comportamental, induzindo decisões coletivas previamente tomadas por grandes conglomerados em associação a movimentos e governos de corte ultraconservador (ZUBBOF 2019). Ou seja, uma gama de ações pautadas pela opressão, violência e medo.

Guardados os contextos e fazendo as devidas mediações, notamos que historicamente o medo tem sido utilizado como mecanismo de controle coletivo. No período renascentista, Nicolau Maquiavel observa que «o temor que se infunde é alimentado pelo receio de castigo, que é um sentimento que não se abandona nunca» (MAQUIAVEL 1983: 70). Atualmente, segundo Bauman, quando a pessoa interioriza uma visão de mundo que inclua a vulnerabilidade e a insegurança, ela reage como se estivesse diante de ameaças, mesmo que imaginárias, já que o «pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais» (BAUMAN 2008: 9). Ao longo dos séculos, diferentes religiões vêm criando «suplicios eternos» e outras ficções para forjar comportamentos ao atemorizar e algemar as mentes de fiéis.

No Brasil, o crescimento da atuação de grupos político-religiosos conservadores que se utilizam dessas táticas soma forças a uma composição alienante de antipolítica e anticiência, em sintonia às determinações dos dirigentes da extrema-direita mundial. Decidiram como oportuno fazer vistas grossas à gravidade da pandemia da Covid-19. A partir desses elementos, tivemos uma exposição de multidões à propaganda da inexistência do problema. Quando isso não mais podia iludir, passaram a difundir supostos efeitos curativos a remédios sem nenhuma eficácia comprovada para o

tratamento da doença. Diante do recrudescimento dos picos, atribuíram a «comunistas e ateus» a disseminação deliberada da enfermidade (LADEIRA 2020).

A orquestra da regressão tem dado o tom em diferentes partes do planeta. A repulsa aos imigrantes e aos pobres em geral, aos negros e indígenas e a todos os que não fazem parte do perfil de «cidadão de bem» tem levado o mundo a paroxismos de outras épocas. Não temos algo propriamente inédito, apenas a sem cerimônia ainda mais deslavada daqueles que historicamente são comprometidos com posturas e comportamentos reacionários. Desse modo, a extinção da humanidade pode ser viabilizada tanto por doenças desconhecidas, como pela conhecida capacidade de destruição de dirigentes descomprometidos e destituídos de empatia e sensibilidade, ávidos em identificar na pandemia a oportunidade de livrar-se de «indesejáveis». No Brasil, entendemos que há simbiose entre ambas.

Respirar é preciso, entre utopia e estratégias de resistência

Em momentos distópicos, quando o triunfo da estupidez parece dinamitar qualquer terreno de criação de uma racionalidade não predatória, mais uma vez as utopias se fazem necessárias, pois o sinal de emergência global soa com força inaudita para alertar sobre o precipício iminente em que o neoliberalismo tem levado o planeta.

Mas quem demanda por utopias está preparado para o que solicita? Sabe que a lenha que alimentou as fornalhas para o abismo não pode mais ser utilizada para nos livrar dele? As referências civilizatórias (defesa dos direitos humanos, respeito à pluralidade étnica e de gênero, combate às desigualdades socioeconômicas e políticas etc.) sofreram extenso ataque de agrupamentos reacionários que buscam intensificar as assimetrias entre ricos e pobres, regredir séculos em costumes, desacreditar as Ciências, despedaçar a esperança e a possibilidade de convívio entre diferentes. Há interesses estabelecidos secularmente que devem ser questionados. Estaremos prontos para confrontá-los?

A relação com a vida tem se encontrado em um momento de confluência de crises da mais alta gravidade, com o destino da experiência humana literalmente em jogo. Chomsky (2020: online) chama atenção para além da crise da ordem global, e atenta pela perspectiva das crescentes ameaças de guerra nuclear, as catástrofes ambientais e a deterioração da democracia, que para ele ameaçam trazer consequências muito mais

sérias à humanidade. Assim como Santos e Sousa Junior (2020: online), ao lembrarem da crise migratória, das guerras em zonas estratégicas para as nações hegemônicas, dos refugiados, do trabalho escravo e análogo à escravidão. Do mesmo modo, Mujica (2020: online), ao tratar sobre a possibilidade de um futuro sem barreiras e de um futuro melhor, considera que a crise em que estamos representa uma escolha dos indivíduos e das instituições. A crise ecológica, por exemplo, significativo desafio para nosso presente e futuro é, segundo ele, a consequência de uma crise política e civilizatória e sua incapacidade de se sobrepor aos interesses mercantis. Não há para o pensador qualquer possibilidade real de mudança de cima para baixo; há concessões, ajustes, mesmo assim, somente diante de intensa mobilização e resistências das classes populares que precisam antes de qualquer coisa emancipar-se das determinações do consumismo e de valores exteriores as suas necessidades e cultura.

Um mercado sem freios e destituído de limites, que não só prescinde de instituições democráticas, como as despreza pela simples razão de que o mercado sem regulamentações mostrou-se altamente destrutivo e, caso haja interesse de fato em se preservar um mínimo de sociabilidade e laços fraternais entre as pessoas, deveremos encarar a indispensável tarefa coletiva de lidar e vencer os obstáculos e os problemas acima elencados.

Uma tarefa árdua e que exige que ultrapassemos formalidades e padrões amalgamados do sistema capitalista, que consideramos que devem ser pautados como base de qualquer movimento de resistência, com o entendimento de que somos classe trabalhadora, explorada, cada um a seu modo, de acordo com as formas históricas, culturais e sociais a que estamos expostos, a partir do cerne da questão das desigualdades, da economia concentrada e da política antidemocrática. Questiona o político Mujica: seremos capazes de lutar ou vamos nos render?

Bauman chama atenção para a metáfora do Caçador e do Jardineiro, segundo a qual devemos saber nos deslocar de uma sociedade de caçadores para uma de jardineiros:

A única tarefa do caçador é perseguir outros caçadores, matar o suficiente para encher seu reservatório (...) não é de admirar, portanto, que, sempre que estamos a olhar a nosso redor, vemos a maioria dos outros caçadores quase sempre tão solitária quanto nós. Isso é o que chamamos de «individualização» (...) O jardineiro não assume que não haveria ordem no mundo, mas que ela depende da constante atenção e esforço de cada um. Os jardineiros sabem bem que tipos de plantas devem e não devem crescer e que tudo está sob seus cuidados (...). Esse é o principal motivo para as pessoas com «consciência ecológica» servirem

como alerta para todos nós. Esta cada vez mais notória ausência do jardineiro é o que se chama de «desregulamentação» (BAUMAN 2017: online).

Para o filósofo, em uma sociedade de caçadores, a perspectiva de fim da caça não é tentadora, mas assustadora – uma vez que significa uma derrota pessoal, assim como afirma Marx (1985: 207): «os homens jamais renunciam àquilo que conquistaram, mas isso não quer dizer que não renunciem jamais à forma social sob a qual adquiriram determinadas forças produtivas». Assim se reorganizam para manter suas estruturas de controle e domínio, sob outros modelos além das formas sociais tradicionais. Bauman, em sua alusão à caça, considera que o sentido de mudança dos caçadores, quando existe ou é exigido, é impregnado de uma utopia de transformação que «não oferece sentido nenhum à vida, verdadeira ou fraudulenta. Ela apenas ajuda a perseguir o significado da vida longe do espírito da vida» (BAUMAN 2017: online).

Dado o exposto, consideramos a obra *Princípio Esperança* de Ernst Bloch, na qual o futuro só pode ser pensado num sentido transformador a partir do presente, mais ainda, iniciado do descontentamento com esse presente, da concepção de que falta algo fundamental para termos futuro, não como uma utopia idealista. Para o filósofo, a compreensão madura e crítica das possibilidades tanto objetivas quanto subjetivas são o caminho para a utopia concreta, aquela que carrega consigo uma verve dialética. A necessidade de mudar o presente é possível pela consciência crítica e capaz de projetar possibilidades viáveis agora para um futuro próximo. Para tanto, há uma condição precedente — a da capacidade crítica como base para que haja envolvimento e perspectiva ativa capaz de fomentar reais possibilidades de transformação — que possa romper com o nível de racionalidade extremo em que vivemos, e ir além para estimular uma sociabilidade voltada para a revolução das relações humanas, mais coletiva e ambientalmente interconectada. Como afirmam Santos e Sousa Junior (2020: online), é preciso disputar o futuro em meio ao impasse da civilização.

Assim partimos para a ideia de repensar os usos e práticas de termos e ferramentas tão presentes em nossa existência, ressignificar os conceitos de capital social, de comunicação e de aldeia global, o conceito inicialmente pensado na realidade canadense e utopicamente defendido por McLuhan (1962), como algo que poderia fortalecer as redes comunicacionais e a sociedade, e que na realidade carrega o sentido apresentado por Habermas e Marcuse, ao contestarem McLuhan, por entenderem que o campo democrático seria engessado e haveria o controle ideológico dessas esferas

comunicacionais. Ramesh Srinivasan (2019), pesquisador dos impactos da tecnologia, reafirma as posições de Habermas e Marcuse e contesta inclusive o termo «aldeia global», visto que em sua concepção há concentração de decisões em restritas corporações e o restante do mundo está bem distante das lógicas decisórias engendradas neste espaço para a produção econômica de corporações cada vez mais oligopolizadas por grupos como Facebook e Google, por exemplo, que chegam a definir de modo nada transparente a indução comportamental e decisória dos indivíduos.

Para Srinivasan, nossas capacidades de produção e relações em rede devem ser pautadas por rigorosas políticas de privacidade e soberania das comunidades e sua autonomia quanto aos usos da tecnologia e das redes comunicacionais, inclusive pelo direito a não se mercantilizar sem consentimento ou sequer conhecimento de que isto ocorra, além de concebermos com a capacidade tecnológica que temos melhores usos ou reais usos da economia compartilhada, fomentando através da tecnologia um sistema mais justo ao trabalho e seu significado social. Isso seria uma das revoluções a que Bloch nos incita em seus trabalhos. Assim como Mujica (2020: online) nos estimula nas suas argumentações quanto a necessidade premente de reconhecermos a diversidade cultural global e seus benefícios, de nos desafiaros a compreender a história das comunidades e grupos sociais distintos, de organizar os bens tangíveis e intangíveis para ampliar a convivência, estimular vínculo social pela oferta cultural não elitista, pela inclusão e a simplicidade das relações humanas, e destas com a natureza e os sistemas produtivos.

Estas estratégias nos levam à promoção e reivindicação de políticas de alteridade, coparticipação e colaboração das pessoas, não pelas necessidades individuais, mas coletivas e críticas. Como afirmam Santos e Sousa Junior (2020: online), há uma chance inédita para «reajustar» os sentidos de «democracia» e «humanidade».

O intento, porém, não é novo. Gramsci, tomando a definição de Estado como peça chave da compreensão de formação e atuação das classes dirigentes, entende o Estado como complexo arranjo formativo de atores em disputa, no qual atuam simultaneamente e em condições distintas a sociedade civil e a sociedade política. Essa questão é o cerne do pensamento gramsciano sobre o Estado ampliado, definido como um conjunto de meios de direção intelectual e moral, ou seja, aparelhos hegemônicos (MEDICI 2007: 33). Assim o sentido dessa análise sobre o Estado é fundamental na articulação do pensamento sobre democracia e o direito, estes como elementos de disputa permanente, pois neles residem as capacidades decisórias da sociedade. Portanto, a pluralidade de

atuação está diretamente relacionada à qualidade democrática e de direitos. Gramsci indica esse caminho através de uma reforma da atuação das classes subalternas, compreendida como uma necessária maturação intelectual e moral que acompanha a reforma econômica. Ao dedicar-se sobre a *O Príncipe*, de Maquiavel, o pensador sardo levanta a conjunção desses fatores como fundamentais no processo de atuação da vida política. Para o autor, há necessária articulação entre esses elementos, e «uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar vinculada a um programa de reforma econômica, na verdade o programa de reforma econômica é precisamente a forma concreta como se apresenta qualquer reforma intelectual e moral» (GRAMSCI, Q. 8, 1975: 1560).

Segundo Semeraro (2011: 475), «para Gramsci os ‘subalternos’ precisam se organizar e construir uma hegemonia, não apenas cultural e política, mas também econômica e institucional, imprimindo uma configuração ao Estado que não seja autoritária e elitista». Semeraro também compreende que em Gramsci há uma necessária radicalidade para qualquer efetiva transformação, uma vez que no autor sardo pulsa um pensamento que desestabiliza concepções convencionais estanques, e que devem ser ressignificadas, tais como a ideia de partido, de intelectual, de democracia, de poder. Só assim o lugar do Estado violento seria substituído pela «utopia» do «Estado ético» formulado por Gramsci, «ou seja, o espaço de superação da coerção e a equação que estabelece uma equivalência entre Estado ético = sociedade regulada = sociedade civil apontam para os horizontes de uma ‘utopia’» (SEMERARO 2011: 475).

Para Fontes (2019), é importante notar a dimensão do projeto ético-político gramsciano:

Um projeto ético-político no sentido gramsciano é, em seus próprios termos, um momento da «guerra de classes» e envolveria a criação (ou o reforço) de um partido de novo tipo (um novo príncipe), criador da sua própria prática a partir de sólida formação teórica, desvincilhando-se das hierarquias burguesas, promotor de uma nova sociabilidade na qual a socialização do conhecimento seria um dos elementos fundamentais; onde as organizações populares reforçassem sua autonomia de classe, com os subalternos acumulando forças para o enfrentamento da dominação de classes. Tal acumulação não se limita a ocupar espaços menores no Estado, embora não possa deles prescindir. Mas exige enfrentar a disputa pela grande política, aquela que põe em xeque as grandes questões estruturais. (FONTES 2019: 345)

As sociedades, no entanto, estão dispostas a quê? A questão é: de que modo superamos as mentiras e as ilusões vestidas de verdade? Bertolt Brecht, sarcasticamente,

denuncia no poema *A lenda do soldado morto* (BRECHT; EISLER 1934)⁷ a hipocrisia e a crueldade belicistas por meio do personagem soldado-defunto desencavado do túmulo na guerra. O soldado se decidira a morrer como herói, numa guerra sem fim; mas, ele foi re-recrutado morto. «Tiraram então o soldado da cova, ou o que dele sobrou, e o médico disse: “tá bom pro serviço ainda tem muito pra dar!” (...) E quando passavam pelas cidades, ninguém enxergava o soldado, e todos entravam na grande marcha gritando: “Pela Pátria lutar!”».

Antonio Gramsci analisa o personagem Sancho Pança, de Dom Quixote. O fiel escudeiro de Quixote não está afeito às aventuras, mas sim às certezas de que precisa, visto a precariedade e as imprevisibilidades da vida, que levam os indivíduos à convicção de que não há como ir contra as vicissitudes. Considera o autor sardo que sobreviver diante dessas questões por si já é uma grande aventura, «portanto aspiramos a uma “bela” e interessante aventura, que é devida a iniciativa própria, contra a aventura “feia” e revoltante, porque é devido às condições impostas por outros e não propostas» (GRAMSCI 1975: 2133).

Temos que compreender, assim como Bloch e Gramsci, por exemplo, que é preciso articular as subjetividades com a consciência e a práxis (LOSURDO, 1998). Mas, segundo Gramsci, é preciso distinguir a «crise orgânica» da «crise conjuntural», das «flutuações conjunturais» (GRAMSCI 1977: 1078 e 1588).

A partir de (EMPOLI 2019; ZUBOFF 2019; KLEIN 2020), entre outros, poderíamos sintetizar os anos recentes, compreender suas coordenadas e organizar frentes de resistência globais (a Argentina, em 2019, e a Bolívia, em 2020, são exemplos dessas iniciativas na América do Sul). Intolerâncias e ressentimentos têm sido atizados e fomentados pelas políticas neoliberais, cuja lógica de funcionamento opera de forma sistemática pela extinção de direitos e inibe ou inviabiliza a sobrevivência de centenas de milhões de pessoas no mundo. Decorrentes dessas políticas, intensificam-se desagregação, inseguranças e precariedades múltiplas. Estas poderiam abrir espaço para ondas de rebeldia produtivas e reivindicações por transformações sociais para solucionar

⁷ Produzido entre 1918-1919, o poema levou à inclusão do nome de Brecht na lista de perseguidos pelos nazistas. A cantora Cida Moreyra interpreta o poema. Disponível em: <https://blogdaciafagulha.blogspot.com/2019/03/a-lenda-do-soldado-morto-bertolt-brecht.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

os problemas criados pela implementação das políticas do mercado financeirizado, cada vez mais hostil às instituições da democracia liberal, apesar dos limites desta.

Entretanto, para manter o controle social da devastação econômica, partidos políticos e mídias de direita/extrema-direita usaram e abusaram de manipulação — de algoritmos, *fake news* e *lawfare*, do aparato repressivo do Estado para paralisar/eliminar os considerados «inimigos» políticos — e canalizaram raivas e ódios de multidões, seduzindo-as com soluções políticas supostamente fáceis e eficazes, na realidade, enganosas e desastrosas, para aprofundar a radicalização ainda maior do programa de extinção de direitos ao estimular a emergência ou aceleração de movimentos reacionários como braço operacional de interesses do grande capital.

Ou seja, é a luta de classes (o que cada classe social faz para defender seus interesses). No Brasil, particularmente, estamos diante de um impasse, a saber: a necessidade premente de mobilizar massivamente a população para contestar e derrotar o neofascismo do governo Bolsonaro se choca com o impedimento devido às restrições da crise sanitária, agravada pelas inúmeras sabotagens e desvios negacionistas.

Sob a negligência e incúria do (des)governo Bolsonaro, o Brasil está sem oxigênio e irrespirável (OLIVEIRA; JIMÉNEZ 2020). Então, respirar é compreender que as escolhas políticas são justamente opções humanas, quer dizer, os déspotas não são uma fatalidade, são evitáveis e também podem ser depostos (BRECHT 1992: 213). Respirar é saber que as escolhas políticas são histórico-sociais e não desígnios divinos ou obrigação de consentir aos ditames de corporações que são força global em poder decisório, que articulam redes de influência no campo político, cultural e econômico, como podemos ver nos estudos sobre o mercado da educação realizados por Stephen Ball (2014). Essas práticas de centralização das determinações do mundo têm se fortalecido mais e mais durante os últimos 40 anos, como afirma Chomsky (2020: online), que assevera que «1% tem 30% da riqueza mundial, esse efeito concentrado do poder econômico controla o poder político, e enxuga os espaços democráticos de 70% da população que não possuem representatividade nem política, nem judiciária». Ele considera isso um dos aspectos de disputa e violência entre a própria classe trabalhadora, a qual, instigada pelas violências institucionais, também reproduz a xenofobia, o preconceito racial e a antissolidariedade. Chomsky acredita que temos recursos para lutar contra isso e seguirmos o caminho para a liberdade.

Educação, ainda é a solução

Mujica (2020: online), por sua vez, acredita que esse caminho é a educação, são as resistências das camadas pobres, é a resistência contra a cultura do desperdício e da acumulação. Para ele, «o único ponto fraco do capitalismo é não comprarmos», a luta pela nossa liberdade deve ser em prol do tempo humano, uma vez que o trabalho do homem tem sido produzir condições de consumir, não há tempo para a vida, para a natureza, para o afeto. O que é complicado, neste sentido, é justamente a complexa relação de subalternidade nas relações de poder e produção, somada a uma camada espessa de intencionalidades e práticas de desigualdade, alienação e crise de representação. Logo, implica em novas formas de pensar resistências e respirar formas de vivências mais saudáveis e dignas.

Tanto Chomsky como Mujica têm em comum em suas abordagens a percepção de que as vontades para a mudança devem ser construídas pelos anseios populares em relação aos aspectos decisórios de suas vidas, não mais por políticas de cima para baixo, mas sim pela educação para o futuro em solidariedade.

Para Mujica as massas universitárias são trabalhadores imprescindíveis ao capitalismo, precisamos associar suas capacidades e inteligência ao humanismo. Na América Latina, por exemplo, acredita que os governos não apostaram numa educação crítica, cidadã, mas sim na formação de consumidores com parâmetros culturais insustentáveis ao planeta e à vida em solidariedade, em comunidade. Tomamos essa fala como que clara crítica aos governos de esquerda que se coadunaram com a educação mercadológica e cercada de relações público-privadas, cujo interesse muitas vezes concentra-se na formação de mão de obra semiqualficada e um fértil campo de disseminação da ideologia burguesa. Em nosso entendimento, isso enfraquece a luta por uma transformação qualitativa da sociedade.

A consideração sobre uma educação emancipadora está relacionada à desconstrução das práticas educativas alienantes. O intento não é dos mais fáceis, muito pelo contrário, como um campo historicamente complexo e repleto de contradições, vamos nos ater ao momento atual para explicitar a disputa no Brasil, a partir do governo de Jair Bolsonaro e sua vasta agenda mercadológica em torno da cultura e dos espaços de representação e formação. A educação é um dos setores alvo de maior ataque do governo

e seus séquitos, com ampla propagação de *fake news* e expressivas atuações para enxugamento orçamentário.

Para as populações carentes e pobres, historicamente alijadas de direitos, o acesso à educação gratuita tem sido um dos poucos caminhos para superação de parte das desigualdades no país. Entendemos que ao retirar ou reiterar mecanismos de privatização no setor, somados à falta de autonomia e à vigilância ideológica, temos um desamparo estrutural capaz de ampliar o fosso da pobreza, da precarização do trabalho e outros tipos de violência, tais como trabalho infantil, violência doméstica, desemprego, fome, falta de moradia. São estes exemplos que fazem com que a reação ao governo ganhe adesões tão amplas de diversos setores e, ao mesmo tempo, têm ampliado os debates e ações variadas em torno de um processo de freio aos impropérios contra a nação brasileira, que Jair Bolsonaro e sua poderosa e influente base proferem cotidianamente.

Assim o papel da educação é fundamental. Devemos, como afirma Chomsky, fomentar «ações para a criticidade, educação para o consumo consciente, os mecanismos de controle precisam ser ensinados, é necessário ter consciência dos mecanismos de dominação da classe trabalhadora». Hennig (2019: online), a partir da compreensão entre estranhamento e autoconhecimento em Marx, considera que «o autoconhecimento, a superação da alienação depende imediatamente de como uma comunidade organiza seu metabolismo estendido, incluindo sua economia, ciência e indústria». Para o autor, «organização social se dá mediante sua relação com o trabalho, e este dá origem a valores e conceitos compartilhados no mesmo sentido em que o metabolismo orgânico dá origem à vida».

A natureza e seus recursos são fundamentais para a existência humana e para a dignidade humana. Determinados recursos têm sido transformados em mercadoria ao largo da história da humanidade, ora via a transformação da natureza pelo homem e seu trabalho agregando o valor sobre ela, ora via a expropriação dos recursos por corporações que passam a impedir ao homem quaisquer autonomias de sobrevivência e dignidade. Mas o trabalho é a questão de fundo. Foster e Burkett (2018: online), através de uma perspectiva marxista clássica, consideram que «a crítica à produção de mercadorias capitalista captura não apenas a lógica interna do processo de acumulação, mas também as limitações e contradições do sistema, marcadas pelas distinções entre valor de uso, trabalho concreto e riqueza real e a “forma de valor”» (valor de troca, trabalho abstrato e valor). Para os autores, «tanto as contradições econômicas quanto ecológicas do

capitalismo têm sua origem nas contradições entre o processo de valorização e as bases materiais da existência inerentes à produção capitalista de mercadorias» (FOSTER e BURKETT 2018: online).

Precisamos agora não só ir além das possibilidades de mudança, mas fazer a mudança. Não só reconstruir a sociedade numa lógica de integração coletiva, de consciência de nossa capacidade de existir de outra maneira, pois hoje a urgência é pela vida. Todavia, se pensarmos a vida do mesmo modo que era e é, nada se transformará enquanto não tivermos consciência e sentido de uma nova realidade. Hoje, unidos, poderemos ir além. O caminho, de acordo com Sousa Junior (2020: online), é a valorização das resistências que existem e que atuam seriamente pela valorização da vida, pela integração da civilização.

Os exemplos de resistência no campo produtivo e educacional⁸ no Brasil residem desde a composição de formação política, por grupos informais em territórios periféricos — que fomentam ações de crítica social atreladas a conhecimentos escolares, visando a superação das diferenças no acesso ao ensino superior público — quanto ações mais organizadas que historicamente dinamizam a cultura da resistência das classes populares, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que, por meio da ENFF – Escola Nacional Florestan Fernandes, promove cursos formais e informais, além de seminários, encontros e atividades culturais para acampados e assentados sob perspectiva agroecológica e disputa política. A verve desse movimento é pela justiça social e desenvolvimento de práticas de emancipação, autogestão e organização em todo território nacional de atuação e militância pelo direito a dignidade. Caldart (2012) nos revela que o MST é em si uma ação pedagógica. Um saber social e educativo de uma ordem de ruptura. Dentre as ações do movimento, além da questão da reforma agrária, a educação é elemento da base de resistência e luta permeada por uma lógica de humanização e solidariedade.

Entendemos que nos aparelhos formais de educação há resistências e lutas basilares para a sua transformação. Contudo, entre a revolta e a ação, é preciso incorporar os movimentos das classes populares e seus intelectuais orgânicos, em seu inconformismo e estratégias de luta, atuando em diversas esferas e campos. Esse conjunto é capaz de fomentar a possibilidade de transformação qualitativa na sociedade. Fontes (2019), em sua leitura sobre a crise do capital, financeirização e educação, indica as concepções de

⁸ Ver em: GIROUX, 1986; PONCE, 2005; MCLAREN, FARAHMAND PUR, 2002.

uma lógica de transformação a partir da compreensão gramsciana do movimento das classes trabalhadoras no processo de disputa hegemônica. Para ela

Em Gramsci, um projeto democrático-popular (...) envolve formação ético-política do partido e das grandes massas, envolve organização popular crescente, formação de lideranças e participação ampliada nas decisões de todas ordens — a começar pelas econômicas, mantidas a sete chaves sob controle das classes dominantes. (FONTES 2019: 344)

O conceito de hegemonia gramsciano tem por objetivo último a libertação da humanidade. A hegemonia dos grupos subalternos deve ter como base uma nova direção intelectual e moral, uma construção de uma nova concepção de mundo em confronto com a que vivemos, em que as disputas intelectuais são base para que as imposições e instrumentos de dominação do capitalismo sejam superados.

Consideramos que fomentar um processo educativo capaz de engendrar consciência e práticas necessárias à transformação não é tarefa fácil. Neste campo, as disputas e resistências são cotidianas e nele podemos ver a intensificação das posições de controle cada vez mais acentuadas e dinâmicas, com alto grau de interesses de mercado e amplo apelo à homogeneização cultural e comportamental.

Diante da intensa atuação do capital, de suas redes de influência e das determinações que os aparelhos privados de hegemonia empresariais-APHE utilizam — «incessantemente no sentido de controlar as redes públicas existentes e de implantar sistemas de gestão privado e materiais educativos, (...) contam com fartos recursos, inclusive imunidades e isenções fiscais, formulam políticas educacionais» (FONTES 2019: 337) e precarizam a força de trabalho nas empresas —, mesmo assim, precisamos compreender que há resistências dos entes que atuam pela educação pública em contraposição aos grupos que visam usufruir dos recursos públicos e controlar o campo das ideias na educação para concentrar e desarranjar a coisa pública, ou seja, privatizar e controlar de modo absoluto a formação humana.

Destarte, entendemos que a educação é campo de disputa em que minimamente as classes trabalhadoras podem se organizar para reagir de modo crítico, por isso esse lugar tem sofrido intervenções pujantes, privatizações e precarizações. Ainda assim, é o lugar de luta em que devemos apostar, visto que pode ocorrer em qualquer lugar e de variadas formas. Embora com o institucionalizado vigorem estruturas engessadas, violentas e mercadológicas, contraditoriamente ainda é um espaço de resistências e de capacidades

de construção de economia e emancipação. E na prática de seus agentes, pode ser flexível, plural e libertadora.

O conceito de escola de Gramsci que visa a preparar não só tecnicamente para o trabalho, mas também para o autogoverno, a democracia e a cidadania. Trata-se, portanto, de desenvolver a consciência crítica de cada sujeito, individual e coletivo: é exatamente isto que hoje se quer impedir de fazer na escola, excluindo dela o pensamento crítico (LIGUORI 2017: 407).

Talvez aí tenhamos oportunidade para a utopia blochiana, o fundamento da consciência e a força ativa e concreta que nos direciona àquilo que ainda-não-é. O núcleo racional da utopia concreta de Bloch reside no marxismo com dialética da tendência:

O próprio ainda-não-consciente deve se tornar consciente quanto ao seu ato; consciente de que é uma emergência e ciente quanto ao conteúdo, ciente de que está emergindo. Chega-se assim ao ponto em que a esperança, esse autêntico afeto expectante no sonho para a frente, não surge mais como uma mera emoção autônoma, (...) mas de modo consciente-ciente como função utópica (BLOCH 2005: 144).

A direção neoliberal do mundo reduziu ao mínimo as perspectivas de bilhões de pessoas. Nesse cenário, para a lógica de exclusão é obsoleta a vida e as esperanças dos desvalidos, de nada servem os sonhos de quem aspira liberdade e paz para viver de forma saudável. Na crise socioambiental, que se constitui atualmente em seu ápice catastrófico, respirar no sentido fisiológico e das relações humanas no campo social tornou-se um ato sujeito a controle e um não direito. Respirar é necessário para nossa sobrevivência e para nossa condição de seres sociais, no entanto, o que enfrentamos é um momento em que a autodestruição é premente, e o que temos como salvação é mudar radicalmente nossas ações.

Indagamos se de fato há disposição na humanidade para frear a rota suicida? Se nos convenceremos, como querem nossos algozes, de que não há alternativa e o único caminho é a capitulação final da humanidade?

Por outro lado, caso entendamos um outro mundo possível, quais são os desvios emergenciais para as circunstâncias de escaparmos da autodestruição e redirecionar a trajetória no interesse da grande maioria?

Compreendemos ser superadas muitas das formas de conduzir e administrar até então sedimentadas e inquestionáveis; que são imprescindíveis diálogos e acordos entre a economia e a ecologia, implementando a necessidade de empregos com o abandono de hábitos de consumo corrosivos e antiecológicos; que as regras e instituições vigentes

precisam passar por escrutínios populares e revogados os mandamentos de uma ínfima minoria.

Nesse sentido, a Filosofia e as Ciências Sociais têm contribuições a dar para podermos respirar nesse crucial momento da história da humanidade. Intelectuais de todas as áreas devem deixar de lado a omissão e alienação e assumir suas responsabilidades públicas individual e coletivamente, precisam interferir em bloco nos debates para a superação de impasses e de colaborar com planos concretos para criar rotas imediatas que atendam as demandas da grande maioria. Ou seja, há tarefas imediatas e de curto prazo para evitar a consumação da tragédia neoliberal, bem como aquelas de médio e longo prazo, que visam a superar os problemas estruturais anteriormente mencionados: racismo, xenofobia, concentração de renda, desigualdades socioeconômicas e políticas etc. Retornar com a intervenção do Estado e as regulamentações econômicas e criar outras para dar conta das novas tecnologias. Para isso, a Ciência precisa ser desprivatizada e o conhecimento e a tecnologia devem estar a serviço dos interesses de todos.

Assim, se de fato houver um questionamento geral de nossas formas de vida e a oportunidade de revê-las e poder modificá-las com a amplitude exigida, talvez seja dada à humanidade uma nova chance e ela possa criar condições de perdurar no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AYER, Alfred J. *As questões centrais da Filosofia*. Tradução de Alberto Oliva e Luís Alberto Cerqueira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- BALL, Stephen J. *Educação Global S.A: Novas redes políticas e o imaginário neoliberal*. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. «Para que a utopia renasça é preciso confiar no potencial humano». Entrevista cedida a [Dennis Oliveira]. *Revista Cult*, [São Paulo], 09 jan. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-zygmunt-bauman>. Acesso em: 29 jun. 2020.

- BEVILACQUA SOBRINHO, Agenor. *A Lente*. São Bernardo do Campo, SP: Cia. Fagulha, 2016.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UERJ, 2005.
- BRECHT, Bertolt. «A resistível ascensão de Arturo Ui». Tradução de Angelika E. Köhnke. In: BRECHT, Bertolt. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, v. 8, pp. 121-213.
- BRECHT, Bertolt; EISLER, Hanns. «Legende vom toten Soldaten», in: *Lieder, Gedichte, Chöre* [Canções, poemas, coros]. Paris, Editions du Carrefour, 1934. 115 pp.
- CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CHOMSKY [a], Noam. «Internacionalismo ou Extinção». 18 set. 2020. In: *Progressive.International/wire*. Disponível: <https://progressive.international/wire/2020-09-18-noam-chomsky-internationalism-or-extinction/pt-br>. Acesso em: 26 set. 2020.
- CHOMSKY [b], Noam; MUJICA, José. «O futuro que não tem bordas – online». Entrevista cedida a [Aline Midlej]. In: *Livmundi*, [Rio de Janeiro], 03 out. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/LncB3r5Td6U>. Acesso em: 03 out. 2020.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Unesp & Boitempo, 1997.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FERNANDES, Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.
- FONTES, Virgínia. «Crise do capital, financeirização e educação». In: *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, (dez. 2019), v. 11, n. 3, pp. 328-347. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/36453>. Acesso em: 15 mar. 2020
- FONTES, Virgínia. «Prefácio» In: PEREIRA, João Márcio Mendes (org.) *A demolição de direitos: um exame das políticas do Banco Mundial para a educação e a saúde (1980-2013)*. Organização de João Márcio Mendes Pereira e Marcela Pronko. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2014.

- FOSTER, John Bellamy; BURKETT, Paul. «Value isn't everything». 1 nov. 2018, Vol. 2, Ed. 06. In: *Monthly Review*. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2018/11/01/value-isnt-everything>. Acesso em: 06 out. 2020.
- GÉRÔME, Jean-Léon. *Vérité sortant du puits armée de son martinet pour châtier l'humanité* – 1896. [A Verdade saindo do poço armada do seu chicote para castigar a humanidade]. Disponível em: <https://www.artrenewal.org/artworks/truth-coming-out-of-her-well/jean-leon-gerome/57101>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GOLDMAN, Lucien. *Towards a Sociology of the Novel*. London: Tavistock Publications, 1975.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Volume primo, quaderni 3. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 1977.
- HENNIG, Boris. «Self-Knowledge, estrangement and social metabolism». March 1, 2019. In: *Monthly Review*. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2019/03/01/self-knowledge-estrangement-and-social-metabolism>. Acesso em: 8 out. 2020.
- HOACKEY. *Too Real: the narrative paintings of Jean-Léon Gérôme*. August 16, 2018. Disponível em: <https://eclecticlight.co/2018/08/16/too-real-the-narrative-paintings-of-jean-leon-gerome-7/>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- JACOBY, Russell. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- KLEIN, Naomi. «Coronavírus pode construir uma distopia tecnológica». In: *Intercept*, [Rio de Janeiro], 13 mai. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/13/coronavirus-governador-nova-york-bilionarios-vigilancia>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- LADEIRA, Francisco Fernandes. «Bolsonarismo e o “vírus comunista”». In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/conjuntura-politica/bolsonarismo-e-o-virus-comunista/>. Acesso em: 14 jul. 2020.
- LIGUORI, Guido. «Por que Gramsci?». Entrevista cedida a [Ana Lole]. In: *Movimento Revista de Educação*. UFF [Niterói], (2017), ano 4, n. 6, pp. 405-408. Disponível

em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/download/32606/18741>.

Acesso em: 08 ago. 2020.

- LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- LOSURDO, Domenico. «Gramsci e a revolução». In: *Tempo*, (1998), v. 3, n. 5, pp. 45-73. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg5-2.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.
- LÖWY, Michael. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses «Sobre o conceito de História»*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAQUIAVEL, Nicolau. «O Príncipe». In: *O Príncipe; Escritos políticos / Nicolau Maquiavel; traduções de Lívio Xavier*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).
- MARX, Karl. «Carta de Marx a P. V. Annenkov». In: MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Global Editora, 1985.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MBEMBE, Achille. «Necropolítica». In: *Arte & Ensaio*. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. (dezembro 2016), n. 32.
- MCLAREN, P.; FARAHMAND PUR, R. *Pedagogia revolucionária na globalização*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- MCLUHAN, H. M. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- MEDICI, Rita. «Gramsci e o Estado: para uma releitura do problema». In: *Rev. Sociologia e Política*. [online]. (2007), n. 29, pp. 31-43.
- MIGUEL, Luís Felipe. *O colapso da democracia*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- OLIVEIRA, Joana; JIMÉNEZ, Carla. «Cresce pressão por responsabilizar Bolsonaro por Manaus e ideia de impeachment volta a ser aventada». In: *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-16/cresce-pressao-por-responsabilizar-bolsonaro-por-manauas-e-ideia-de-impeachment-comeca-a-ser-aventada.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- PACKER, Larissa; TURRA, Letícia. «Lucro para desmatar, lucro para reflorestar: a Amazônia no mercado de carbono». Entrevista cedida a [Catarina Barbosa]. In: *Brasil de Fato*, [São Paulo], 27 dez. 2019. Disponível em:

- <https://www.brasildefato.com.br/2019/12/27/lucro-para-desmatar-lucro-para-reflorestar-a-amazonia-no-mercado-de-carbono>. Acesso em: 10 out. 2020.
- PAHNKE, Anthony Robert; MILAN, Marcelo. «Jair Bolsonaro: A crise brasileira e o novo autoritarismo. 01 jun. 2020». In: *MontyReview*. Disponível em: <https://monthlyreview.org/author/anthonyrobertpahnke/>. Acesso em: 23 set. 2020.
- PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2005.
- RELATÓRIO Human Rights Watch (2021). «Bolsonaro sabota medidas contra a covid-19, diz Human Rights Watch». In: *Rede Brasil Atual*. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/01/bolsonaro-sabota-medidas-contr-a-covid-19-diz-human-rights-watch/>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- SALVATORI, M. L. *Gramsci e il problema storico della democrazia*. 3. ed. Torino: Einaudi, 1977.
- SANTOS, Boaventura Sousa; SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. «O impasse da civilização». Entrevista cedida a [Gustavo Conde]. *TV 247*, [São Paulo], 09 out. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hpkCXvpdayc&feature=emb_logo. Acesso em: 09 out. 2020.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEMERARO, G. «A “utopia” do Estado ético em Gramsci e nos movimentos populares». In: *Revista Educação Pública*. Cuiabá, (2011), v. 20, n. 44, pp. 465-480.
- SRINIVASAN, Ramesh. *Whose Global Village?: Rethinking How Technology Shapes Our World*. New York: New York University Press, 2017.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)
- WORLDOMETERS. *Brasil ultrapassa 8,4 milhões de infectados e supera 209 mil mortes pela Covid-19*. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska; VALIM, Rafael. *Lawfare: uma introdução*. São Paulo: Contracorrente, 2019.
- ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.